

OLIVEIRA, Cristóvão de. Nem Fixo nem Instável: a Potência das Afetações Recíprocas nas Relações de Grupalidade. Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná; Professor Auxiliar; Universidade do Estado de Santa Catarina; Mestrando em Teatro; PPGT/UDESC; Prof^ª. Dr^ª. Sandra Meyer Nunes. Ator e Diretor.

RESUMO

Em que medida nos deixamos contaminar pelo trabalho alheio? Certamente em diversas camadas de nosso próprio fazer artístico, fazemos uso e referência a técnicas e procedimentos de criação os mais diversos, que encontram ressonância nas pulsões e ideologias propagadas na grupalidade onde nos inserimos. Enfatizando a relação construída pela *Periplo, Compañia Teatral*, de Buenos Aires (Argentina), com três atuantes grupos teatrais do Estado de Santa Catarina, especialmente no que se refere às afetações — entendidas aqui como zona de contaminação onde o trabalho de um influencia e projeta o trabalho do outro — faremos um mergulho na poética destes artistas, identificando quais movimentos impulsionaram cada grupo a seguir por caminho próprio. Buscaremos encontrar as similaridades em seus processos criativos e pontuar em que lugar se encontra a relação entre *Téspis Cia de Teatro* (Itajaí/SC), *Cia Carona de Teatro* (Blumenau/SC) e *La Trama Cia. Teatral* (Joinville/SC) com seus mentores. Nesta seara, nos apoiaremos nas reflexões de Peter Pal Pelbart a partir de conceitos como grupalidade, afetação recíproca e contaminações.

Palavras-Chave: Afetações. Singularidades. Processos Criativos.

ABSTRACT

To what extent do we allow ourselves to contaminate the work of another? Indeed in several layers of our own making art, we make use of and reference to techniques and procedures for creating the most diverse, they find resonance in the instincts and ideologies propagated groupality in which we operate. Emphasizing the relationship built by the *Periplo, Compañia Teatral*, from Buenos Aires (Argentina), with three active theater groups in the state of Santa Catarina/Brazil, especially with regard to affectations – understood here as the area of contamination where the work of a design and influence the other's work – we'll swim in the poetry of these artists, identifying movements propelled by each group to follow their own path. We'll try to find similarities in their creative processes and rate at which place is the relationship between *Téspis Cia de Teatro* (Itajaí/SC), *Cia Carona de Teatro* (Blumenau/SC) e *La Trama Cia. Teatral* (Joinville/SC) with their mentors. This harvest, we'll support the reflections of Peter Pal Pelbart from concepts such as group awareness, and affectation reciprocal contamination.

Keywords: Affectations. Singularities. Creative Processes.

“A estabilidade é sempre uma tentativa que, no trabalho compartilhado ao longo dos anos, nos permite tirar conclusões, algumas individuais, outras

coletivas, que podem nos ancorar.” Com essas palavras, o diretor argentino Diego Cazabat (2011) disserta sobre as relações de afetação que se estabelecem entre ele e os atores da *Periplo, Compañia Teatral* assim como aquelas que reverberam nos artistas que estabeleceram algum contato com este grupo.

Entre os anos de 1997 e 1999 houve um *boom* de atores e diretores que, impulsionados por um desejo de solidificação do trabalho em grupo que ensejasse a elaboração de uma linguagem cênica própria, participaram de oficinas e *workshops* ministrados pela *Periplo* em algumas cidades catarinenses. Imediatamente, as práticas por eles desenvolvidas repercutiram em um redirecionamento dado às grupalidades que compartilhavam aqueles mesmos princípios de trabalho. Nada fixo, nada absoluto. O princípio mais evidente passa a ser um lugar de indeterminação, um não-saber, um espaço de criação em trânsito constante, mutável e vulnerável. Paradoxo entre a concretude dos impulsos subjetivos e a substância das ideias físicas.

O questionar como premissa. Nenhuma resposta como promessa. O trabalho de grupos como a *Téspis Cia de Teatro* (Itajaí/SC), a *La Trama Cia. Teatral* (Joinville/SC) e *Cia Carona de Teatro* (Blumenau/SC) foi reconfigurado à medida que cada uma destas grupalidades buscou assimilar a experiência circunscrita àquilo que, como coletivo de artistas que são, pudesse nascer de suas vontades e das pulsões que os atravessam, os polarizam. Além da relação prolífica da *Periplo, Compañia Teatral*, o que coloca tais grupos em paridade é o fato de que cada um de seus artistas assume haver, antes de conhecerem os portenhos, uma latente sensação de insatisfação com o trabalho que vinham desenvolvendo. Cada um deles, à sua maneira, reconhece uma camada anterior, subterrânea, de onde se engendrou outro modo de ser desde que, ávidos por uma referência que pudesse de fato abarcar os desejos e necessidades enquanto grupo, conheceram a *Periplo, Compañia Teatral*.

A partir desta relação de afetação como ponto de reflexão sobre determinada *cultura de grupo*, o que pretendemos é cotejar alguns fundamentos acerca da *grupalidade*, onde diferentes graus de potência se unem na criação de linguagem, na elaboração de procedimentos ideológicos, estéticos e poéticos, e na difusão de elementos técnicos que afetam, entrelaçam e atravessam a recente história do teatro que se faz em grupo. Requisitamos o filósofo e professor Peter Pal Pelbart (2007) que chama a atenção para as “afetações recíprocas”, para aquele cadinho cujo solo torna-se fértil para que possamos dar corpo e substância às nossas pulsões, ao desejo de, em grupo, construir um fazer artístico. Nesse contexto, um agrupamento — ou grupalidade, como Pelbart prefere se referir — só se faz possível quando existe uma *contaminação*, uma comunhão de ideias e ideais passíveis de um redirecionamento acerca das noções que norteiam o trabalho e os processos criativos.

Para refletir sobre as afetações recíprocas é necessário considerar pressupostos que carregam, de um lado, a ideia de influência como algo possível de apontar referenciais em um sentido mais vertical, hierárquico, formal e, de outro lado, a ideia de contaminação, entendida aqui no sentido rizomático em que não é possível estabelecer com precisão quais são as referências, tampouco o modo como elas se afetam, tal como um vírus que se aloja sem sabermos como e porquê. Assim, as noções de influência e contaminação aqui desenvolvidas são diametralmente complementares ao tratarmos a reciprocidade nas relações estabelecidas entre as grupalidades que requisitamos.

A *Téspis Cia de Teatro*, de Itajaí/SC, trabalhava com projetos de teatro-escola — expediente muito comum entre grupos que, na época, ensejavam viver exclusivamente de teatro — e, para desenvolver um trabalho que os mobilizasse pessoal e artisticamente, investiram no teatro infantil de formas animadas. Assim, desde 1993 até meados de 1998, aprofundaram seu trabalho em torno dessas linguagens, cumprindo temporadas em sua cidade e participando de festivais. Foi no mesmo ano de 1998 que conheceram a *Periplo*, durante um festival de teatro e, então, participaram de uma oficina com o grupo. No ano seguinte, partiram obstinadamente para a capital argentina na ânsia de cursar um Seminário Intensivo oferecido pelo grupo e voltaram transformados. “Houve um redirecionamento”, diz Denise, “porque nós queríamos fazer uma coisa própria, que nascesse de nossas vontades”.

A *La Trama Cia. Teatral*, de Joinville/SC, surgiu exatamente por influência da *Periplo*. O ano era 1998 e também conheceram os argentinos em um festival — embora já tivessem ouvido falar a respeito. Na ocasião, desejavam desenvolver um trabalho que pudesse mobilizá-los num âmbito mais pessoal e estavam em busca de uma forma de fazer teatro que não fosse calcada na pura construção de personagens. E foram fazer, no começo de 1999, o Seminário Intensivo. Segundo o ator e diretor Amarildo de Almeida, foi um “confronto com o que acreditávamos ser sólido”. Exatamente uma semana após seu regresso, fundaram o grupo e deram continuidade às práticas apreendidas então: “Resolvemos pensar um grupo onde pudéssemos continuar aquele trabalho, dentro daquela proposta desdobrada, seguindo um caminho que fosse análogo”.

Os integrantes da *Cia Carona de Teatro*, de Blumenau/SC, desejavam construir um trabalho de características próprias, mas não queriam engendrar processos tão longos que não fossem capazes de levar adiante. Assim, optaram por criar um espetáculo que pudesse ser apresentado muitas vezes. Fizeram inúmeras sessões, participaram de festivais, circularam por diversas cidades do estado e cumpriram temporadas. Foi em meados de 1999, quando precisaram de mais um ator para o grupo, que surgiu a *Periplo* em suas vidas. Este ator trazia consigo a vontade de aprofundar seu próprio trabalho e tinha ouvido falar desse grupo, sugerindo, então, que fizessem um curso com eles. Após assistirem a um espetáculo e terem visto uma demonstração técnica de trabalho, decidiram: iriam fazer o Seminário Intensivo. Voltaram tão mexidos de

lá, que diziam: “Nós vamos dar sequência a esse trabalho, focar no trabalho de ator e começar com o treinamento!”.

Todos estes artistas passaram pela experiência de assistir aos espetáculos da *Periplo*, ver as demonstrações técnicas de trabalho por eles apresentadas e, sobretudo, participar dos Seminários Intensivos que desde 1998 acontecem anualmente — experiência esta que os marcou em suas práticas e sua visão de grupo especialmente no que diz respeito ao arcabouço técnico e ao treinamento de ator. Ocorre que o alcance e o reconhecimento do trabalho e da poética dos portenhos ainda se restringem a alguns poucos festivais internacionais — especialmente na Europa, por onde se apresentam anualmente — e, reconhecendo um senso de bairrismo inevitável nessa abordagem, nas relações recíprocas que cultivam no estado de Santa Catarina.

De qualquer modo, esta relação que desde então é preservada se funda naquilo que de concreto se estabeleceu nestas grupalidades a partir daí, pois ao trazer para suas práticas a referência de *práxis* da *Periplo*, os grupos catarinenses percorreram um caminho que se inicia na reprodução de códigos e dispositivos de treinamento para, então, encontrar uma maneira particularizada de desenvolvimento, proveniente das percepções singulares e das pulsões que atravessam sua grupalidade, possibilitando, então, a construção de uma linguagem própria. É exatamente neste trânsito entre a influência que a *Periplo* exerceu sobre eles e a subsequente contaminação pelos pressupostos estabelecidos desde aí que se criaram novas tensões, novos problemas, novas questões capazes de instituir outras percepções sobre o próprio trabalho. Uma instabilidade naquilo que julgamos sólido e uma fixidez naquilo que a experiência pode edificar. É um território outro onde o que passa a importar não é mais uma configuração de grupo hierárquica ou relações verticais, mas a horizontalidade no trabalho, permeada pela dinâmica de um processo aberto e rizomático, no entrelaçamento das pulsações, no poder de afecção das relações criativas sabendo que somos afetados e afetamos de muitas maneiras e simultaneamente, considerando que a noção de afetação também carrega ideias como “buscar, procurar, aspirar, empreender, desejar muito, prosseguir com empenho” (MEDEIROS, 2010, p. 6). Ou seja,

Afecção e afeto abarcam, portanto, o conjunto de relações, disposições, estados, impressões, afetações, modos de ser, posições, afeições, vontades, comoções, inclinações de um corpo, que atuam como acréscimo, diminuição, auxílio ou coerção à potência de agir deste corpo, ao mesmo tempo que o espírito concebe as ideias dessas afecções (MEDEIROS, 2010, p. 6).

É também neste sentido que se manifesta a noção de afecção postulada por Pelbart quando ele afirma que “somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado, e não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados, é sempre uma questão de experimentação” (PELBART, 2007, p. 1), pois nesta dimensão processual entendemos que o trabalho sempre pulsa no âmbito pessoal, sendo um lugar de indeterminação legítimo onde acontecem a busca, as percepções, a experiência.

Neste aspecto, evocamos a noção *deleuziana* de sentido, ao considerarmos que a singularidade é um fenômeno que se manifesta nesta dimensão pessoal e processual, neste espaço de indeterminações, mas que se choca com “[...] a triste necessidade em que nos encontramos de não saber de antemão e que desapareceria com o saber adquirido” (DELEUZE, 2009, p. 57). O próprio Pelbart evoca Deleuze lançando a questão: “Como indivíduos se compõem para formar um indivíduo superior, ao infinito? Como um ser pode tomar outro no seu mundo, mas conservando ou respeitando as relações e o mundo próprios?” (PELBART, 2007, p. 2).

Segundo Cazabat, as afetações são importantes para concretizar o trabalho,

[...] são elas [as afetações] e não outra coisa que dão ou tiram oportunidades na criação artística. São o que permitem suportar algumas crises no processo de busca daquilo que não se conhece. São as afetações que permitem entrar nessa zona de obscuridade para poder iluminá-la (CAZABAT *et al.*, 2011, p. 41).

À instabilidade de nossos processos somam-se impulsos ainda desconhecidos, como a penetração em experiências que se constroem com o outro a partir dos desejos e pulsões que nos agrupam, mas ainda não foram nomeados. Os afetos que, reciprocamente, atravessam um e outro são conhecidos apenas parcialmente, ou seja, estão além das potencialidades que percebemos: são sedimentados e não cristalizados. Não podemos — apenas a partir daquilo que conhecemos de nós e do outro que conosco convive — pressupor a estabilidade de um trabalho que, eminentemente, se constitui em uma dimensão dinâmica e processual.

Estes grupos que se afetaram com o trabalho preconizado pela *Periplo, Compañia Teatral* parecem demonstrar compreender tal dimensão considerando, também, que uma grupalidade não é “puro espectro” (PELBART, 2007) nem mera projeção de uma pretensa e ignóbil tentativa em reproduzir as referências adquiridas que constituem cada grupalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAZABAT, Diego; OJEDA, Andrea; DE BERNARDI, Hugo; FASSONE, Julieta. **Teatro: Mistérios de um Ofício Poético**. Buenos Aires: Obra não publicada, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MEDEIROS, Nelma Garcia de. “Espinosa: um pensamento sem sujeito”. In: **Anais do Colóquio Ética e Alteridade**. Seropédica; Edur-Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Nelma_de_Medeiros.pdf> Acessado em: 30/05/2011.

PELBART, Peter Pál. “Elementos para uma cartografia da grupalidade”. In: **Próximo Ato**. Itaú Cultural, 2007. 10pp. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/proximoato/pdf/textos/textopeterpelbart.pdf>> Acessado em: 22/04/2011.